

SANTOS, Reijane Souza; SANTANA, Leandro Torres. **Entre CorPos e Ambiente**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe (UFS). Departamento de Dança: UFS. Discentes do curso de licenciatura em Dança da UFS; 8º semestre; Orientadora: Thábata Marques Liparotti.

RESUMO: O que surge quando uma composição é levada para acontecer em um ambiente ao qual ela não foi pensada para tal? Esta pesquisa consiste na experimentação do trabalho artístico Entre CorPos observando e analisando as respostas corporais ao improvisar no ambiente. Esta proposta foi realizada pelo Grupo de Estudos em Corpo e ambiente em meio as rochas molhadas que beiravam a Cascata Paraíso, em Campo Alegre/SC. Entretanto tintas e tela da proposta inicial se transformaram: a tela no ambiente, principalmente com seu solo irregular e as tintas no frio, a água e as mudanças de estado dos corpos. Foi possível observar: o grau de dificuldade na partilhada do peso e contrapeso, devido ao solo e ao risco de cair dentro do rio; o maior tônus nas bases de suporte; o estado de garra dos pés sob as rochas; a contaminação do clima frio afetando diretamente o ritmo dos encaixes em dupla; a rotação contínua dos tornozelos e os olhares atentos voltados ao chão. A partir desta experimentação foi possível perceber a quantidade de possibilidades de transformação que surgiram na composição por meios espontâneos de auto-ajustes em rápidas respostas corporais. Por meios deste processo de adaptabilidade, a obra foi transformada a medida que a experimentação acontecia Entre estes CorPos, adicionando expressividade e risco ao movimentos.

PALAVRAS-CHAVES: Adaptabilidade; improvisação em dança; ambiente.

Between Bodies

ABSTRACT: What arises when a composition is taken to happen in an environment to which it was not intended for such? This research consists of experimenting with the artistic work "Entre CorPos" (Between Bodies literal translation) observing and analyzing the body responses when improvising in the environment. This proposal was made by the Body and Environment Study Group among the wet rocks that bordered the Cascata Paraíso, in Campo Alegre/SC. However paints and canvas from the initial proposal turn into: canvas became the environment, mainly with its uneven soil and paints became cold, water and changes of bodies state. It was possible to observe: the degree of difficulty in the shared weight and balance due to the soil and the risk of falling into the river; the highest tonus in the support bases; the claw state of feet under the rocks; the contamination of the cold climate directly affecting the rhythm of the double fittings; the continuous rotation of the ankles and the attentive glances facing the ground. From this experimentation it was possible to perceive the amount of possibilities of transformation that emerged in the composition by spontaneous means of self-adjustments in quick bodily responses. By means of this process of adaptability, the work was transformed as experimentation occurred between these bodies, adding expressiveness and risk to the movements.

KEYWORDS: Adaptability; dance improvisation; environment

Introdução

Era manhã, fazia frio e depois de uma caminhada do Grupo de Estudos em Corpo e Ambiente (GECA) nos deparamos com a Cascata Paraíso-SC. Ao redor do seu rio, rochas de diferentes tamanhos e texturas, umas soltas, outras presas. Percebíamos algumas poças nos intervalos das fileiras de rochas, com profundidades diferentes, mantínhamos cuidado para não cair dentro delas enquanto passeávamos por cima. Muito bem agasalhados, nos pareceu estranho estar em um lugar com uma cascata e um rio onde não estivéssemos com uma roupa de banho e descalços, como sempre acontecia nas nossas vivências de campo em Sergipe. O sol estava lá, mas não parecia, exceto pela luminosidade. Naquele momento nossa visão de mundo se reatualizava, a medida que o ambiente afetava como reagíamos aos estímulos que o próprio propunha.

Figura 1. A autora caminhando sobre as rochas da Cascata Paraíso- SC.



Fonte: Acervo do GECA.

Apesar do conforto, retirar as botas naquele momento parecia a opção mais propícia as nossas experimentações, de forma que deixaria os pés mais livres e sensíveis para caminhar sobre o solo irregular. Durante esse tempo, precisávamos

lidar com fatores como o frio, as rochas molhadas e irregulares e a água do rio com baixa temperatura.

Surgiu, então, a proposta de experimentarmos o Entre CorPos ali, diante da cascata. A priori, a intenção não era fazer uma apresentação, não havia espetacularidade, obviamente por ser um dos pontos turísticos da pequena cidade de Campo Alegre haviam pessoas no lugar, mas estas não estavam focadas em nós. Na Figura 2, visão panorâmica da cascata e aonde as pessoas estavam “assistindo”.

Figura 2. Cascata Paraíso em fotografia panorâmica, ao centro a experimentação iniciava.



Fonte: Acervo do GECA.

Diferentemente de outras vivências que o grupo já realizou em ambientes naturais experimentando e analisando o corpo e seus processos de adaptabilidade, o Entre CorPos foi uma composição que chegou neste ambiente já criada, ou seja, a composição precisou se adaptar ao decorrer da experimentação.

Um pouco impactados com a proposta da experimentação, nos preparamos e seguimos para um trecho mais plano para iniciarmos, retomando pouco a pouco os movimentos de Entre CorPos. Na Figura 3 é possível observar o local escolhido para iniciarmos a experimentação, localizado na margem do rio, aonde as rochas eram mais estáveis. Observa-se também nossos corpos buscando um “afinamento” para iniciarmos a movimentação.

Figura 3. Vista de longe, ao meio intérpretes se preparando para a experimentação.



Fonte: Acervo do GECA.

A movimentação do Entre CorPos parte de jogos de peso e contrapeso em dupla, pensando neste eixo “entre” os corpos dançantes, como pode ser visto na Figura 4 logo no início da experimentação.

Figura 4. Registro da movimentação inicial da obra, avistado por trás de uma rocha.



Fonte: Acervo do GECA.

Pedimos licença aqui para nos posicionarmos individualmente e falarmos um pouco de nossas percepções separadamente neste trecho do texto.

Estávamos ainda pouco aquecidos, principalmente pelo frio, eu-Leandro, enjoei durante a viagem até Campo Alegre, estava com muita dor de cabeça e no

meu corpo ainda era perceptível um mal estar. Ele encontrava-me meio que travado, tenso, o frio fazia minha cabeça, que estava raspada, queimar, a priori observava com cautela o ambiente, protegendo o corpo do frio. Ao receber a proposta de experimentar o Entre CorPos naquele ambiente, meu corpo começou aos poucos a relaxar. Comecei tirando o casaco e o tênis, e continuamente minha tensão foi passando e a fisionomia apática (por conta do mal estar) foi melhorando. A sensação de frio foi ficando menos incomoda, ao tempo que a instabilidade das rochas faziam minha musculatura se enrijecer em busca de uma estabilidade. Meus pés pinçavam as rochas de forma a me manter em equilíbrio. O jogo de peso e contrapeso fazia com que meu corpo se tencionasse mais e se jogasse para trás a fim de propor estabilidade a Reijane. Nada foi planejado, mas foi perceptível os ajustes dos corpos ao ambiente.

Eu-Reijane me encontrava eufórica, a sensação do novo e do desconhecido me dominava. Os pés descalços em contato com a água e as rochas geladas reverberava um revigoramento por todo o corpo. Começamos a movimentação com o máximo de contato e o mínimo de movimentos bruscos. Ainda nesse estado de organização corporal, encaixes que aconteciam de costas foram iniciados de frente por serem mais confortáveis e seguros naquele momento (visível na comparação entre as Figuras 9 e 10). Por essa euforia, estive sempre me colocando em risco dentro das possibilidades de movimentação da obra e a medida que sentia o quanto de segurança teria com Leandro em condições de mal-estar. Parecia impossível realizar movimentações de forma acelerada naquele clima apesar de estar muito agitada, por isso, tudo acontecia de forma muito lenta enquanto que por olhares e trocas de apoio nos conectávamos no (re)fazer da obra.

Ainda nesta mesma Figura (9) é possível perceber quão irregular, de diversos tamanhos e texturas eram as rochas presentes no local.

Sobre a experimentação: Entre CorPos e Ambiente

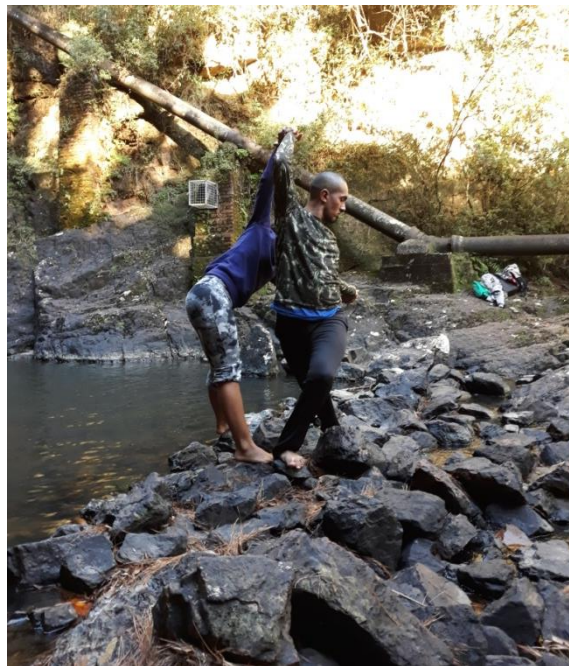
No momento em que surgiu a ideia de experimentar o Entre CorPos ali, compreendemos que a partir disso o trabalho já não era o mesmo. Foi (re)criado de forma crescente e espontânea no instante em que se (re)iniciou naquele lugar. CorPos que emergiram em estados transformativos de ser a partir de suas percepções do ambiente. Estes que claramente necessitam sair do seu ambiente-conforto (Que conforto é esse pra você?) para acessar novas possibilidades de ser,

estar, criar e movimentar. GREINER (2011) afirma que:

"O corpo artista é aquele em que aquilo que ocorre ocasionalmente como desestabilizador de todos os outros corpos (acionando o sistema límbico) vai perdurar. Não porque ganhará permanência neste estado, o que seria uma impossibilidade, uma vez que sacrificaria a sua própria sobrevivência. Mas o motivo mais importante é que desta experiência, necessariamente arrebatadora, nascem metáforas imediatas e complexas que serão, por sua vez, operadoras de outras experiências sucessivas, prontas a desestabilizar outros contextos (corpos e ambientes) mapeados instantaneamente de modo que o risco tornar-se-á inevitavelmente presente." (O corpo. P. 122 e 123)

Esses espaços geradores de novas metáforas têm a capacidade de nos fazer adquirir estados de corpo diferentemente dos experimentados apenas em sala.

Figura 5. Autora e Co-autor em experimentação da obra com pés descalços.



Fonte: Acervo do GECA.

Figura 6. Experimentações de movimento com técnicas de contra-peso da obra.



Fonte: Acervo do GECA.

Figura 7. Fotografia do Entre CorPos com proposta inicial executando movimentação com técnicas de contra-peso.



Fonte: Wagner Mendonça de Moraes.

A medida que os CorPos se encontravam, se auto-organizavam junto ao trabalho. Diferentemente da composição inicial, este se deu de forma lenta e

ralentada. Toda movimentação necessitava de um cuidado que antes dominava pouca preocupação por parte dos interpretes. Sobre as rochas o risco da queda se tornou mais evidente e cauteloso. Foi possível perceber então que a obra antes enquanto simétrica (Figura 7) e expansiva se transformou de forma assimétrica (Figura 6) e contida.

Nesta sequência de fotografias abaixo é possível observar que quanto mais o corpo da autora cede ao ambiente, pendendo para o rio e ajustando sua movimentação tornando-se mais “fluida”, em contrapartida o corpo de Leandro retesa-se mais para compensar o eixo e o risco de queda de Reijane na água. As pequenas mudanças do corpo dela, são notadas como grandes ajustes no corpo dele. Para permitir que ela se distencie para dançar, ele torna-se o eixo dos dois. Mostrando a ideia de afetação entre os corpos.

Figura 8. Captura de sequência de movimentação a beira do rio.

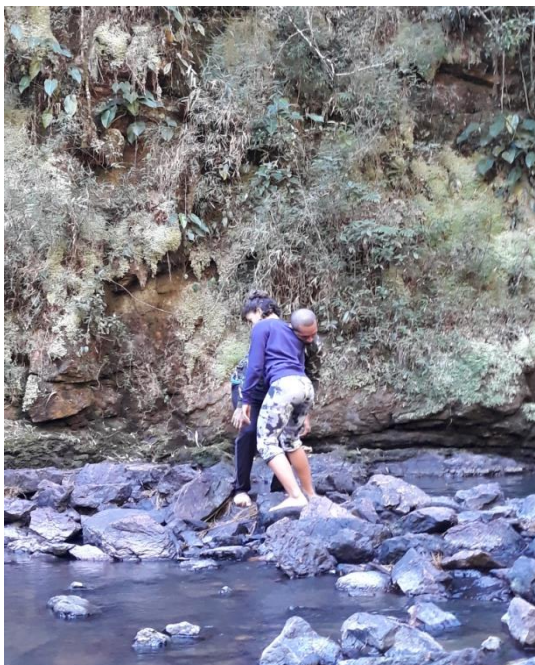


Fonte: Acervo do GECA.

Torções de tronco e joelhos semi-flexionados eram visivelmente constantes na experimentação, o estado de garra nos pés apontava o quão importante foi retirar os calçados e olhares que antes eram apenas entre os interpretes, precisou agora

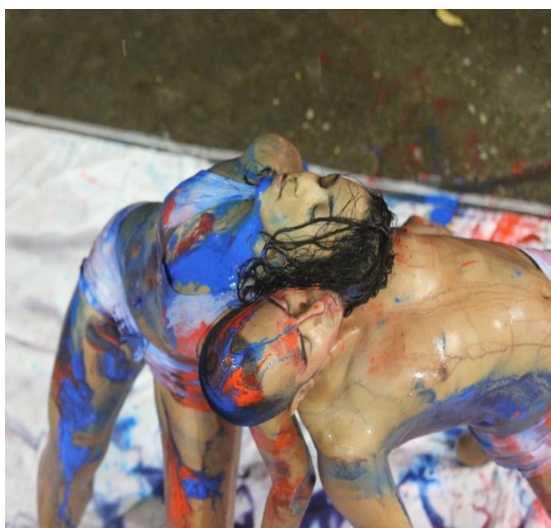
ser rapidamente dividido entre o parceiro/a parceira e o chão. A seguir nas Figuras 9 e 10, uma breve comparação da obra posterior e da proposta inicial.

Figura 9. Intérpretes iniciando o Entre CorPos na Cascata Paraíso.



Fonte: Acervo do GECA

Figura 10. Fotografia da apresentação da composição inicial do Entre CorPos no IV AtuArte - UFS



Fonte: Wagner Mendonça de Moraes

Na apresentação das figuras, não tivemos a intenção de mostrá-las de forma cronológica a como aconteceu a experimentação, mas sim de forma que os aspectos mais singulares fossem representados. O ambiente possibilitava de um amplo espaço para investigação, por isso, passamos por todos, exceto inteiramente

dentro do rio. Portanto houve um percurso que em sequência é possível acompanhar através das figuras 1, 2, 9, 12, 5 e 6.

Abaixo é possível verificar uma das características que desde nossas primeiras experimentações com o grupo em outros ambientes naturais está presente nos corpos durante estes trajetos investigativos: a caminhada em quatro apoios.

Se locomover utilizando não apenas os membros inferiores, mas agora também superiores torna-se uma necessidade deste corpo em constante busca por estabilidade e segurança em um solo irregular, instável e desconhecido.

As passadas ficam curtas e o corpo totalmente inclinado, flexionado e conectado com este chão e com as diversas possibilidades que este estado quadrúpede pode oferecer.

Figura 12. Montagem de fotografias em sequência de trajeto em quatro apoios.



Fonte: Acervo do GECA.

A composição inicial

Para melhor compreensão de como se deu este trabalho, é necessário que o leitor conheça como, conceitos e a partir do que surgiu o Entre CorPos inicialmente,

por isso, faremos uma breve contextualização da obra criada por estes que vos escreve.

O processo artístico do Entre CorPos surgiu a partir de jogos improvisativos e estudos acerca da contemporaneidade com o interesse dos intérpretes-criadores em pesquisar as possibilidades que seus corpos podem oferecer, dialogando com as experiências e com todo repertório corporal já presente. Esse processo consistia de experimentações, afim de trocar informações com perguntas e respostas corporais, simultaneamente, onde os dois intérpretes-criadores se fazem livres durante as apresentações, apesar de, possuírem uma ordem sequenciada de movimentação e que ambos se pintam com tintas sob uma tela branca no chão. Isso se dá porque sua mostra é suscetível a adaptações, tendo em vista que a composição pode acontecer em diversos espaços.

Nossos corpos são repletos de informações que carregamos a partir do momento em que passamos a existir no mundo, e estas informações são processadas e repassadas de acordo com as nossas experiências e vivências que dialogam com outros indivíduos, assim como o ambiente. Como afirma Greiner (2005), nosso corpo é mídia de si mesmo. Ele informa o tempo todo, e ele nunca será neutro.

Buscamos a padronização visual dos corpos e do espaço, na tentativa de “recriar” um ambiente neutralizado, mesmo sabendo que nenhum corpo ou espaço é neutro, representado pela cor branca, e pelo espaço liso, presentes no nosso cenário e figurino. A cor branca nos traz uma idéia visual assim como uma folha em branco: é lisa, está neutra, “não tem informação”, e passa a ter a partir do momento em que escrevemos ou pintamos nela, como acontece em “Entre CorPos” onde ao decorrer das movimentações as tintas representadas por cada corpo começam a se unir, formando uma terceira cor, a medida em que pinta-se com o próprio corpo, o chão. Trazemos então, justamente essa idéia para a cena, o diálogo e a troca de informações dos corpos, - mesmo estando em um espaço recriado com a intenção de neutralidade, assim como o figurino da performance - materializado através das tintas, onde um corpo dialoga com o outro, se transforma e gera novas informações.

Figura 6. Fotografia no formato inicial de apresentação do Entre CorPos no IV AtuArte- UFS



Fonte: Wagner Mendonça de Moraes

Grande parte do processo, além das técnicas estudadas em sala, se deu a partir de experimentações do Contato-improvisação, este que como afirma José Gil:

assenta no contacto entre dois corpos: estabelece-se entre eles uma comunicação tal que começa uma espécie de diálogo em que o movimento de cada um dos pares é improvisado a partir das <<perguntas>> postas pelo contacto do outro; <<respostas>> improvisadas, mas que decorre do tipo de percepção que cada um tem do peso, do movimento e da energia do outro; (2001, p. 136)

O corpo neste caso, entendido a partir da dança contemporânea, não apenas como comunicação, mas também informação, a medida que pensa e dança através do movimento se transforma em uma linguagem que não deve ser entendida pelo senso comum, mas sim trabalhada e pensada para que seja sentida e tenha uma percepção capaz de perceber a organização corporal presente ali (WOSNIAK apud SETENTA, 2012).

O título “Entre CorPos”, significa que entre dois corpos, existe algo que vem: antes mesmo da identidade de cada um, as informações que cada um traz, as histórias e bagagens corporais. Entre esses corpos, existe a palavra COR, que no trabalho foi representada pelas cores vermelha e azul, que ao se misturar trouxe para cena várias tonalidades de roxo. Este roxo é a materialização do resultado da junção desses corpos, é o “Pos” de posterior, pós, de sucessão. Um fluxo de contaminação contínua e inédita no meio dos dois corpos em atividade.

O trabalho neste formato teve em seu total 3 (três) apresentações, sendo uma solo. Neste tempo foram consideráveis as mudanças ocorridas na composição a cada apresentação. Porém, as mais singulares e por meios espontâneos que adicionaram a obra um caráter de risco mais evidente e tonalidades de movimentações diferentes foi a quarta apresentação na Cascata Paraíso. Sabendo do quão enriquecedor foi a experimentação, pretendemos resignificar a obra com todas essas transformações para novas apresentações em espaços diversos juntamente ao GECA.

Algumas Considerações

Nesse processo de transformação, a obra se (re)fez nos “entres” dos corpos e do ambiente. Apesar disso, é possível perceber o que permanece do Entre CorPos desde sua criação. Podemos citar: a ideia de corpos que aparentemente são neutros, mas estão longe disso; de corpos que se “contaminam” seja com tintas, água, frio dentre outros; de corpos que co-criam, balanceiam-se e equilibram-se no contrapeso, na confiança e no risco, que “pintam” e reverberam o chão, no chão.

Podemos dizer aqui que buscamos tecer uma análise de movimentos que abarca também o relato de experiência e seus aspectos sensoriais, buscando aprofundar suas análises lançando mão de estratégias metodológicas diversas como: as discussões do grupo, os relatos de cada intérprete, bem como dos estados corporais, análise das imagens e das perspectivas dos integrantes do grupo que estavam assistindo. Desta forma trazendo perspectivas externas e internas para discutir e aprofundar uma análise com todos esses aspectos.

Considerando as reverberações que permaneceram no corpo após essa vivência, é possível perceber o quão ela nos agregou enquanto artistas-pesquisadores em formação docente. As possibilidades nos foram apresentadas não apenas por meio de transformação da composição mas também para novos pontos de partida de criações artísticas.

Entre CorPos é um trabalho em constante processo, no qual mesmo codificado por uma sequência coreográfica derivada de estudos contemporâneos sempre terá uma nova resignificação a partir do meio em que estiver inserido, assim como dos corpos atuantes em contínua transformação. A improvisação torna-se presente em todo esse processo, o trabalho atualiza-se a cada apresentação

lançando mão de propostas e possibilidades de criação baseadas nestas improvisações.

Greiner (2005) afirma que “(...) é da experiência que emerge a conceituação e não o contrário.” (p.123) e que não basta apenas permanecer e estar vivo para experimentar ou comprovar esta hipótese, mas que “é preciso fazer da vida um exercício político de produção sónica e partilhamento do saber.” (p.123). Ao partilhar essas informações exercitamos esse ato político e durante essa troca de saberes e informações podemos garantir que nem nós, nem você caro leitor, somos os mesmos.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

GIL, José. Movimento Total: O corpo e a dança. Relógios D'água Editores, 2001. P. 131 à 156.

GREINER, Christine. O corpo: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. 5.ed. Edição organizada por Lisa Ullmann tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LIPAROTTI, Thábata Marques. Dança e adaptabilidade: Processos de comunicação entre corpo e ambiente. 2013. 110 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) – Programa de Mestrado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

LIPAROTTI, Thabata Marques; VELLOZO, Marila Annibelli. ADAPTAÇÃO E AMBIENTE: pesquisa de movimento a partir da auto-organização do corpo. IN: TAVARES, Jussara da Silva Rosa; SILVA, Maycira Teles Leão. VIVEncenar: práticas criativas e de ensino em Teatro e Dança. 1 ed. Curitiba: CRV, 2015.

WOSNIAK, Cristiane. Cena, corpo e dramaturgia: entre tradição e contemporaneidade/ org. Antonia Pereira, Marta Isaacsson e Walter Lima Torres. – Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2012.